

O PANORAMA.

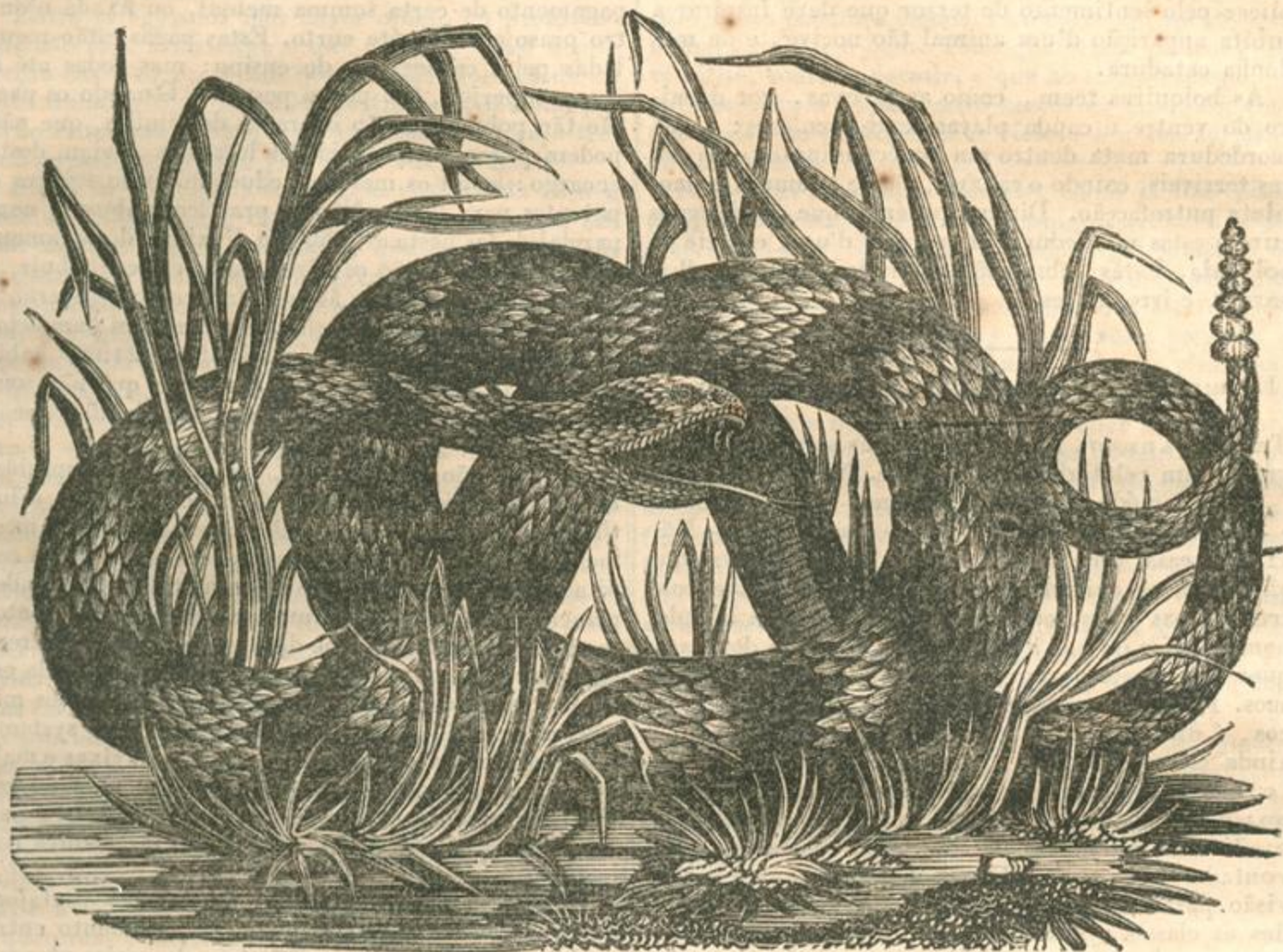
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

68)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 18, 1838)



A COBRA DE CASCAVEL.

A COBRA DE CASCAVEL.

[*Crotalus horridus*].

A COBRA de cascavel, ou boiquira, como lhe chamam os indios, é a mais venenosa de todas as serpentes; e por esta razão determinou a Providencia que um animal tão destruidor desse por si mesmo aviso da sua presença. A cauda desta serpente termina em uma serie de peças cónicas de substancia cornea, enfiadas como anneis umas nas outras, conservando porém a mobilidade; de fórma que, em o animal caminhando, estas peças fazem um rugido, ou bulha, parecido com o de cascadeis, e que denuncia aos viventes a proximidade deste inimigo terrivel. Tanto mais é necessario este aviso, quanto é forte o poder de fascinação de que é dotado o reptil espantoso. Duidou-se por muito tempo deste poder maravilhoso; porém repetidas experiencias teem mostrado que não só esta, como outras especies de serpentes, dobrando-se em roscas, e entonando o collo, fitam a vista nos pequenos animaes que intentam prear, e tal é a força irresistivel deste mau olhado, que as victimas succumbem baldando os esforços para fugir. Alguns viajantes modernos teem referido eguaes successos acontecidos com individuos da especie humana. Ou isto nas-

Vol. II,

ça de causa occulta, ou do terror que infunde o medonho aspecto destas serpentes, que, principalmente estando encolerizadas, com os olhos chammejantes, vibrando a lingua farpada, e meneando o corpo em variadas curvas, amedrentam e acobardam os tímidos, que não sabem dar-se a conselho para lhes fugir, e perecem victimas do espanto e irresolução; ou proceda d'outra causa assignada por um naturalista, isto é, da influencia do halito dessas cobras, que atordoa os ratos, os esquilos, e outros animaes, a ponto de lhes não poderem escapar; é certo, comtudo, que o facto subsiste verdadeiro, e tem sido presenciado por testemunhas dignas de toda a fé.

Nas mesmas cobras de cascavel se dá outra circumstancia, não menos maravilhosa, ha mui poucos annos averiguada, e que é tambem inexplicavel. Fallamos da acção lethargica das folhas do freixo sobre estes animaes. Quando mais enfurecido, o reptil quer accommetter, appresenta-se-lhe um ramo de freixo; e ei-lo que desfalece gradualmente, vae cerrando os olhos ainda ha pouco afogueados, até que fica de todo prostrado, a pontos de poder ser fustigado com o ramo: retira-se este; ei-lo que recobra o vigor, a insolencia, e a raiva. Observou-se que as cobras de cascavel não frequentam os sitios onde ha freixos, e que os habitantes d'algumas selvas americanas usam metter fo-

lhas daquella arvore nos tamancos, e assim caminham livres de serem mordidos. Esta descoberta é recente; e não insistimos mais nella, porque se bem nos lembrâmos, lemos na Chronica Constitucional de Lisboa, e em outro jornal, artigos a este respeito. Qual será porém a causa desta singular antipathia? E qual a da fascinação? Eis dois problemas que a cobra de cascaveis apresenta á investigação dos naturalistas. Quanto á segunda questão parece-nos que se póde explicar pelo sentimento de terror que deve inspirar a subita apparição d'uma animal tão nocivo, e de medonha catadura.

As boiquiras teem, como as giboyas, por debaixo do ventre e cauda placas semi-circulares: a sua mordedura mata dentro em poucos minutos com dores terriveis, caindo o cadáver n'uma prompta e completa putrefacção. Dizem, porém, que os selvagens curam estas mordeduras com a raiz d'uma especie de polygala. Estas cobras são amarelladas com malhas pardas, e irregulares.

EFZEITOS DA EDUCAÇÃO POPULAR NA HOLLANDA.

TRASLADAREMOS a este respeito as seguintes passagens d'um relatorio feito por Mr. Nicholls.

“ Nada póde exceder a limpeza, o aceio pessoal, e a commodidade exterior do povo hollandez. — Não vi uma casa, uma parede arruinada; uma horta, que não estivesse cuidadosamente cultivada. Não encontrei pessoas sujas, ou esfarrapadas, nem um bebado, nem indícios de que a embriaguez seja vicio de quaesquer das classes do povo. São raros os filhos illegitimos. Posto que se ande o dia inteiro pelas ruas e becos, é difficil ver um mendigo; só encontrei dois, e ainda esses sem muita apparencia de miseria. O povo hollandez parece ser muito addicto ao seu governo; e ha poucos paizes, onde os deveres sociaes e domesticos se desempenhem com tanta constancia e boa vontade. Uma escrupulosa economia e cautelosa previsão parece serem as virtudes caracteristicas de todas as classes: gastar todo o rendimento annual é uma especie de crime. Esta mesma prudencia systematica tanto reina na industria, como no commercio, e agricultura; e assim o povo hollandez está habilitado para sustentar-se contra as mais formidaveis difficuldades phisicas, e para assegurar uma somma de commodidades individuaes mais copiosa do que provavelmente existe em outros quaesquer paizes.”

Mr. Nicholls attribue em grande parte o estado social da Hollanda, geralmente satisfactorio, á propagação dos meios d'educação. A educação na Hollanda não é compulsoria; o desejo geral da instrução, até entre os pobres, a faz procurar. O governo limita as suas obrigações neste ponto a regular o modo do ensino; e para este fim a inspecção das escholae, o exame e especial auctorisação dos mestres, estão commettidas ao ministerio do interior, sob cujas ordens ha constantemente um corpo d'inspectores. Os inspectores de districtos reúnem-se tres vezes no anno, na cidade principal do seu circulo, formando uma commissão temporaria. O governo tambem umas vezes por outras, convoca o conselho dos inspectores, que se compõem das deputações de cada conselho provincial, para o intento de reverem os regulamentos, ou promulgarem novas disposições. Um professor não póde ensinar sem obter primeiro da commissão do departamento um attestado de capacidade, precedendo exame, segundo as qualificações exigidas: além disto necessita, para entrar em exercicio, da sancção das auctoridades locaes da terra, onde se pertende estabelecer. A todos os professores se assegura um rendi-

mento que os livra de dependerem das remunerações dos discipulos. Esta classe sustenta-se com muita decencia e commodidade; e é tida em grande estimação. As duas escholae normaes, que a Hollanda possui, a suprem com professores graduados n'um systema uniforme de ensino, e que desinvolveram os seus talentos por via da competição e estimulo. A estas escholae todos teem direito de mandar seus filhos, ou tutelados, sem excepção, ou distincção, mediante o pagamento de certa somma mensal, ou fixada n'outro praso egualmente curto. Estas pagas estão reguladas pelas cathogorias do ensino; mas todas até a classe superior, são pouco pesadas. Quando os paes são tão pobres, ou tão onerados de familia, que não podem pagar, as auctoridades locaes os aliviam deste encargo: assim os meios de educação estão seguros e patentes para todos. Não se praticam abusos, nem parcialidades nesta attribuição d'eximir do pagamento: e tão zelosos são os particulares em contribuir, e em mandar seus filhos ás escholae, como o governo e as auctoridades em as vigiar, e repartir os beneficios da instrução. Em Haarlem, cidade de 21:000 habitantes, não havia creança de dez annos que não soubesse ler e escrever; e por toda a Hollanda vê-se o mesmo.

A população da Hollanda, em respeito ás opiniões religiosas, divide-se em catholicos, calvinistas, e lutheranos. Os meninos de todas as creanças vão á mesma eschola, mas uma vez insinuadas as verdades capitales do christianismo, e appresentados os grandes principios da religião natural, e revelada, os pontos menores da doutrina, que distinguem cada uma creança, se evitam no progresso geral da instrução da eschola, e os deixam para serem explicados pelos ministros de cada communhão especial. Este systema tem contribuido muito para desvanecer as rixas e malquerenças religiosas, e para estabelecer uma educação inteiramente nacional; sendo este objecto o que mais attenção e desvelos merece aos inspectores das escholae.

A Belgica não offerece um quadro tão vantajoso da educação como a Hollanda. O rompimento entre os dois paizes impediu o progresso de varios planos, que o governo hollandez ia pondo por obra: uma temporaria desorganisação do systema de inspecção retardou o progresso, e diminuiu o valor da educação, posto que se augmentou o numero das escholae.

O POVO E O TRABALHO.

AINDA que o amor do trabalho se recommenda por si mesmo, e pelas inapreciaveis vantagens que d'elle resultam aos individuos e á sociedade; não será com tudo superfluo, nem inutil, que as leis, e os legisladores empreguem o seu zelo e auctoridade em inspira-lo e persuadi-lo aos povos, já promettendo e distribuindo com discrição adequados premios e recompensas ás pessoas industriosas e laboriosas, já castigando com justa severidade a inerte ociosidade dos priguçosos.

O interesse é uma das grandes mólas do coração humano; e quando elle é bem entendido, e subordinado ás leis, e ás regras da justiça e da virtude, está tão longe de ser reprovado pela boa e saã moral, que antes pelo contrario é um dos mais poderosos meios de que ella se serve para inspirar e fazer amar a practica das suas maximas. Deus mesmo, que tem na sua mão o coração do homem, não lhe quiz impôr lei alguma, que não fosse sancionada com a promessa do premio, e com a ameaça do castigo.

As nações mais illustradas, antigas e modernas, as

leis de todos os povos, a prudencia de todos os grandes legisladores tem sempre tido em vista animar com premios e recompensas todo o genero de trabalho proveitoso, excitar a industria, estimular a emulação entre os homens laboriosos, reprimir, e castigar a indolencia, a priguica, a ociosidade, e favorecer com particulares beneficios as profissões uteis, especialmente a agricultura, rainha de todas ellas, e base fundamental da prosperidade dos estados.

Entre os egypcios não havia officio ou profissão, que não fosse estimada, e que não merecesse a protecção das leis, contanto que fosse productiva de algum trabalho util. Aquelle illustrado povo tinha por acção criminosa menosprezar o cidadão, de cujo trabalho resultasse algum proveito á sua patria.

Entre os romanos a ociosidade era taxada com a nota de infamia. Um imperador chegou a privar dos seus salarios alguns senadores, que se contentavam de gozar este titulo, sem cumprirem os deveres a elle annexos. *E' cousa indigna e vergonhosa* [dizia Antoino Pio] *gastar o dinheiro da republica com homens, que em nada a servem, e de nada lhe servem.*

Os nossos bons monarchas seguiram sempre a mesma politica. Estão cheias as historias portuguezas, não só de leis e providencias, mas até de exemplos dos nossos principes a favor da industria, do trabalho, das artes, e do commercio. ElRei D. Fernando promettia e dava premios a quem fabricasse navios: queria que todos se empregassem em algum honesto mister. São notaveis as suas leis contra os vadios e ociosos, contra os que não tinham modo de vida, nem queriam dar-se ao trabalho, e até contra os proprietarios desmaselados, que não cuidavam de cultivar as suas terras. Hoje não agradariam talvez algumas destas providencias, por não conformarem com as theorias philosophicas: mas todos sabem, que quando os povos são ignorantes, mal educados, habituados a certos costumes e a certos vicios, é necessario força-los a querer e a fazer aquillo mesmo que é de seu proveito e interesse, até que a instrucção, a experiencia, e a reflexão os illustre, e os ponha em estado de o quererem e fazerem espontaneamente.

As leis e os legisladores não tem sido menos solícitos de inspirar uma forte aversão á priguica e ociosidade, punindo com graves penas vícios tão abominaveis, e tão perniciosos aos individuos e ao publico. No Egypto houve uma lei que lhes impunha a pena de morte. Tambem a havia em Athenas, antes que Solon a abrogasse.

Uma tal severidade não honra, certamente, a sabedoria e a prudencia d'aquelles povos; porque a regra invariavel da justiça pede que a pena seja sempre proporcionada ao mal que se quer punir e evitar: mas ella mostra quanto são odiosos e dignos de execração os vicios, que della pareceram merecedores.

Outros legisladores mandavam punir com o desterro os ociosos e vadios. Platão lhes dá a qualificação severa, mas em certo modo justa, de inimigos do estado, e os compara aos zangões, que não contentes de devorar o mel fabricado pelas industriosas abelhas, tambem as perturbam no seu trabalho.

A priguica e a ociosidade são origens fecundas de muitos outros odiosos vicios: a maledicencia, a mentira, a calumnia, a gula, o roubo nascem desta má e venenosa raiz. Quem tem occupação, sómente pensa no seu trabalho; não faz mal aos seus vizinhos; não murmura, nem levanta falsos testemunhos; não se dá á gula e á ebriedade; não frequenta as tabernas, nem as casas de jogo, nem os logares de prostituição.

Os priguicosos e ociosos arruinam a saude propria; arruinam as suas casas e os seus bens; dão maus exem-

plos a seus filhos e familiares; entregam-se a rixas e contendas perigosas; acham-se em todos os ajuntamentos da plebe insana, e tumultuaria; zombam das leis; parece que nenhum interesse legitimo os liga á sociedade commum.

E com tudo a cada passo ouvireis estes homens perigosos falar em politica, censurar e reprovar a sabedoria das leis, queixar-se do pezo dos encargos publicos, querer prescrever maximas de boa administração. Estes pessimos cidadãos sabem tudo, menos trabalhar, e fazer o bem. Elles quereriam passear, divertir-se, comer e dormir, e que ao mesmo tempo lhe entrassem pela porta dentro saccos de dinheiro, com que podessem nutrir os seus vicios, e a sua torpíssima ociosidade.

Pode dizer-se a estes homens, como já lhes disse um judicioso escriptor: "meus amigos, attendei bem, e acreditai-me. Se vós tivésseis de pagar sómente os encargos do estado, e de soffrer os incommodos das leis, e os erros dos que governam, não seria o mal tamanho, nem tão extremo: mas a vossa priguica e ociosidade, a vossa intemperança, os vossos vicios impoem-vos duplicados e centuplicados tributos. O vosso desmazelo e negligencia em aprender e trabalhar, a vossa estúpida ignorancia, a vossa lamentavel e irreparavel perda de tempo, o esquecimento em fim de todos os deveres naturaes, sociaes, e religiosos — estes sim; estes é que são os mais peizados tributos, estas as contribuições mais insuportaveis — e sois vós os que a vós mesmos as impondes! — O tempo é um dos mais preciosos bens, e vós o desperdiçaes de tal modo, e com tal desacordo, que só quando chegardes ao fim da vida advertireis que o tendes passado, e vos arrependereis de o haver perdido."

Deus disse ao homem "*trabalha, e eu te ajudarei.*" Deus não protege nem ajuda a nossa priguica, e os nossos vicios: castiga-os severamente, quando a sua bondade se cança [digamos assim] de nos soffrer e esperar.

MOEDAS PORTUGUEZAS.

II.

[V.º a pag. 189 deste volume].

No fim do precedente artigo dissemos que começaríamos por assentar o valor das duas moedas — maravedi e libra — das quaes o maravedi era a fundamental para o ouro, e a libra para a prata. É com effeito este o unico methodo seguro para determinar o valor das outras moedas em que essas se subdividiam. Por via de regra os muitos escriptores nossos, que teem tractado deste objecto, confundem as suas idéas, e aos leitores, por seguirem outro systema. As contradicções em que caem parece-nos que proveem quasi só dessa causa. Como nós, tomaram os *reaes*, ou do seu tempo, ou do tempo em que corriam as moedas de que fallam, como meio para avaliarem essas moedas. Isto nos parece errado modo de tractar a materia. Os *reaes* desse tempo eram moeda corrente, e por isso variavel; além de que até o seculo 17.º valeram muito mais do que os nossos *reaes* ou *réis*. Estes hoje são moeda imaginaria, e por isso invariavel: podem servir de unidade para o calculo dos valores; mas não succedia o mesmo com os *réis* ou *reaes* antigos.

O unico meio que actualmente nos resta para avaliar as moedas antigas é examinar quantas dellas se continham n'um marco de ouro ou de prata: ainda assim esse calculo não será rigoroso; porque não sabemos qual era o toque, e porventura, a differença que haveria entre o peso do marco antigo e o peso do moderno.

Mas admittindo que eram eguaes aos nossos em to- que e peso, achado o valor do maravedi de ouro, e o da libra de prata, é mui facil de calcular [aproxima- damente, por causa das alterações da senhoriagem e braçagem] o valor que teriam todas as outras moedas de subdivisão, se hoje corresseem como dinheiro effe- ctivo.

Um marco de ouro de 22 quilates vale hoje 115:200 réis, e amoedado 120:000 réis. Ora, segundo o que se pôde ver em Pedro de Mariz, e como já dissemos, um marco de ouro continha 60 maravedis: logo ca- da um destes valia actualmente 1920 réis como ouro em barra, ou 2:000 réis amoedado.

D. Rodrigo da Cunha diz que um maravedi valia 108 réis, o que repetiu Barbosa, mudando a deno- minação de réis na de *dinheiros*. Mas que réis toma- va D. Rodrigo por unidade? Os antigos ou os moder- nos? Eis o que não sabemos.

Entretanto já notámos, que valendo o maravedi duas libras e meia, equivale a 600 dinheiros daquel- le tempo; do que se conclue que hoje um dinheiro valeria $3\frac{1}{3}$ réis.

Não tendo nós achado quantas libras se contiñham no marco de prata, antes do reinado de D. Pedro 1.^o necessario nos é aproveitar o valor de cada dinheiro, o qual achámos por via dos maravedis, para subir del- le ao valor da libra de prata, e achar consequente- mente quantas dessas libras faziam hoje um marco.

Se cada dinheiro seria agora egual a 3 r.^s e um terço, contendo a libra 240 destes, valeria cada uma 800 réis, o que se confirma com o que dizem os nossos es- criptores e documentos antigos, de valer cada marave- di $2\frac{1}{2}$ libras, as quaes reputadas a 800 réis fazem jus- tamente os dois mil r.^s, que mostrámos valeria o ma- ravedi. Sendo, porém, hoje o valor do marco de pra- ta cunhada de 7680, segue-se d'ahi que em um mar- co haveria pouco mais ou menos 9 libras e meia.

Podemos, portanto, reduzir o valor das principaes moedas portuguezas, dos reinados dos nossos primei- ros reis, ao seguinte computo em réis actuaes.

MOEDAS.	R. ^s
Maravedi de ouro	2:000
Libra de prata	800
Soldo	40
Dinheiro	$3\frac{1}{3}$

Sobre esta uniformidade do valor da moeda nos 5 primeiros reinados se alevanta uma difficuldade. Exis- te uma carta regia de D. Affonso 3.^o em que faz pu- blico, que vae alterar a moeda, dizendo que todos os que levarem a cunhar um marco de prata receberão 14 libras da nova moeda. Todavia podemos talvez af- firmar que esta disposição não teve effeito; porque veremos, que na alteração de moeda, no tempo de D. Affonso 4.^o, ficou sendo um marco egual a 14 li- bras, e se este fosse o seu valor desde o tempo de D. Affonso 3.^o não havia nova alteração.

Das moedas de prata a mais antiga de que resta memoria é uma de D. Diniz a qual nos conservou estampada o auctor da Historia Genealogica: Leitão nos diz que seria da grossura de seis vintens no seu tempo, que vem a ser quasi a grossura de doze vin- tens de agora: e sendo ella de maior diametro era provavelmente um Forte, moeda que naquelle reina- do se cunhou, bem como se cunhou outra com o no- me de meio forte. Pela dimensão dessa moeda pare- ce-nos que era uma subdivisão da libra: — isto é, que reduzida a valor actual representaria [incluindo a sen- horiagem].

- Forte 5 soldos ou 200 réis.
- Meio forte $2\frac{1}{2}$,, ou 100 réis,



MOEDA DE PRATA DE D. DINIZ.

Foi no reinado de D. Affonso 4.^o que, segundo o commum sentir dos nossos antiquarios e historiadores, houve a primeira alteração notavel de moeda. Com a denominação geral de Dinheiros Alfonsins as cunhou de novo este monarcha, alterando-lhes o cunho e o valor. Procuraremos averiguar quaes foram essas moedas alteradas, no que os escriptores não só não concordam, mas até, alguns mais modernos, dizem cousas que fazem rir, imaginando que então se cunha- ram moedas de ouro com o valor de 147 réis actuaes; como se fosse possivel fabricar uma moeda em ouro, que valesse 147 réis, naquelles tempos rudes e faltos de arte. Se com effeito tal dinheiro houvera, um pé de vento bastaria para empobrecer qualquer homem, por abastado que fosse.

As alterações de moeda feitas por D. Affonso 4.^o parece consistiram em lavrar moeda nova de prata, e por ventura de ouro, de menor valor intrinseco do que tinham as moedas que até ahi corriam, dando- lhes, todavia, o mesmo valor legal. Assim lemos em Fernão Lopes, que naquelle reinado valia um mar- co de prata quatorze libras, as quaes se deve enten- der que eram de dinheiro alfonsim, visto que já dei- xamos provado que um marco de prata, antes d'es- sa epocha, equivalia a $9\frac{1}{2}$ libras, vindo assim a ha- ver um augmento de $4\frac{1}{2}$ libras no valor convencio- nal da moeda de prata. A moeda que neste logar da- mos era talvez umas das então de novo cunhadas.



MOEDA DE PRATA DE D. AFFONSO 4.^o

Não se contentou D. Affonso em tirar parte do pe- so ás libras ou dinheiro de prata: augmentou tam- bem o valor ao cobre, mandando que os soldos, os quaes não alterou, valessem nove dinheiros, valendo até então doze, e que continuassem a valer vinte del- les uma libra. Calculando, pois, em relação ao valor actual do marco de prata cunhado teremos que essas moedas alteradas valeriam hoje o seguinte:

MOEDAS.	R. ^s
Dinheiros alfonsins de prata [libra]	$548\frac{4}{7}$
Soldos pouco mais de	28
Dinheiro pouco mais de	3

Destes dinheiros que eram de cobre ainda appa- recem varios; eis aqui o seu cunho.



MOEDA DE COBRE DE D. AFFONSO 4.º

Quanto ao ouro, no reinado de D. Diniz continuavam os maravedis, eguaes aos dos reinados anteriores em peso e valor; mas differentes em nome; porque tomaram o de *dobras cruzadas*, e não nos lembra de encontrar memoria de que nesta moeda houvesse alteração no reinado de D. Affonso 4.º

Houve-a, porém, no reinado de D. Pedro 1.º. Este rei mandou lavrar as *dobras*, que, do seu nome se chamaram depois *dobras de D. Pedro*. Cincoenta dellas faziam um marco de ouro, pelo que representariam agora 2:400 réis.

Tambem cunhou este monarcha novas moedas de prata: eram estas o *Tornez* e o *Meio-tornez*. Vinha tal denominação dos *tornezes* ou *turonenses* francezes, moeda que segundo muitos pertendem se chamava assim por ser cunhada na cidade de Tours. Sessenta e cinco tornezes de D. Pedro faziam um marco de prata, e por isso o seu valor actualmente seria de quasi seis vintens.

Eis-aqui o que nos pareceu mais averiguado no inextricavel labyrintho das moedas portuguezas até o principio do reinado de D. Fernando 1.º. — Julgamos que a moeda correu sem alteração sabida até o tempo de D. Affonso 4.º. Todo o periodo até então decorrido fórma, portanto, uma epocha na historia das nossas moedas. D. Affonso 4.º alterou a moeda de prata e cobre; seu filho D. Pedro 1.º a de ouro e de prata; este periodo fórma a epocha em que a moeda começou a variar e confundir-se. D. Fernando 1.º e D. João 1.º augmentaram a desordem no systema monetario: é isto o que veremos no subsequente artigo.

O CASTIGO GLORIOSO.

Tradição de Rhodes.

PELO anno de 1332 havia na ilha de Rhodes uma enorme quantidade de serpentes de grandeza desmarcada, que devoravam o gado, e tambem assaltavam homens e mulheres, quando succedia encontrarmos descuidados. Muitos cavalleiros de S. João de Jerusalem tinham apprehendido destrui-las, mas sempre debalde. Causava principalmente indizivel terror uma especie de crocodilo, assim pelos estragos que fazia, como porque com seu halito pestifero inficionava os logares visinhos ao antro em que se recolhia. Mr. de Villeneuve, grão-mestre que então era, prohibiu aos cavalleiros que o combatessem, e até que se chegassem á caverna; porque muitos que tinham querido medir as forças com o monstro haviam sido mortos ou devorados. Não obstante isso, Deodato de Gozon resolveu acabar com aquelle flagello. Antes de pôr em practica o seu projecto, quiz muitas vezes examinar de perto a caverna, e outras tantas se retirou feito alvo das zombarias dos outros cavalleiros, que o julgavam ido alli com o intento de provocar o monstro, e tinham lá para si que o medo o obrigava a retroceder. Logo que conheceu ter bem gravada na memoria a figura do monstro, pediu ao grão-mestre lhe desse licença afim de retirar-se para a Provença, onde mandou fazer uma figura á semelhança do reptil, que era um crocodilo de prodigioso tamanho,

coberto de escamas impenetraveis, e cuja cauda dava muitas voltas á maneira d'uma rosca. Parecia ser invulneravel, menos por baixo da barriga, onde tinha a pelle tenra e desguarnecida de escamas, e a sua cabeça assemelhava-se, quanto ao volume, á de um cavallo, e quanto a figura, á de uma cobra. Duas ordens de dentes fortissimos e aguçados lhes guarneciam a bocca, rasgada até as orelhas.

O cavalleiro Gozon ensinou dois corpulentos cães de fila a investir com aquella medonha figura, e filia-la pela barriga, e acostumou tambem o seu cavallo a não lhe ter medo. Tomou depois dois creados de confiança e com elles partiu para Rhodes. Escolheu um dia sereno; montou a cavallo, e mandando que os criados o seguissem com os cães, foi pôr-se de vigia juncto da entrada da caverna. O monstro como sentiu bulha saiu dos paues, e com a bocca aberta e os olhos chammejantes avançou contra o cavalleiro, que havia recommendado aos domesticos que se no conflicto percesse, voltassem para França, e lhe prestassem soccorros no caso de ficar ferido.

O cavalleiro, completamente armado, tenta dar uma lançada nas guelas do crocodilo: o animal esquivava-se ao golpe, que resvala, e a lança, encontrando escamas durissimas, vóa em mil pedaços. O golpe baldado redobra a furia do animal, que faz certo movimento para atirar-se ao cavalleiro; os cães aproveitando esta circumstancia filam-se-lhe á pelle da barriga; porém quando Gozon queria accommette-lo o cavallo intimidado com os silvos do monstro, e não podendo supportar-lhe o halito pestilento, recua, e empina-se. Apea-se o cavalleiro, e com a espada em punho, affronta o animal, e vibra-lhe inuteis golpes. Ia a ser devorado, [que uma rebanada o lançara por terra], se os cães rasgando encarniçados o ventre do reptil, não facilitassem a Gozon os meios de se erguer. Os esforços que o animal fazia por se livrar dos cães, que nunca o largaram, patentearam a Gozon um logar por baixo da garganta onde a pelle lhe pareceu menos dura e sem escama. Enterra-lhe n'aquelle sitio a espada até os copos. Corre o sangue em borbotões; cae o medonho crocodilo levando debaixo de si a Gozon, a quem suffocava com o peso do corpo e o bafio envenenado. Parecia morto.

Acudiram os criados, tiraram-o debaixo do animal, e valendo-se de espiritos e deitando-lhe agua no rosto fizeram com que tornasse em si. Levaram-o para Rhodes, onde o povo já sabedor da peleja e do triumpho o circumdava e exaltava como libertador da ilha. Conduziram-o os cavalleiros, entre vivas, a casa do grão-mestre, ao qual narrou quanto lhe acontecera. Mas qual seria o seu pasmo, quando o severo Villeneuve, que até alli mostrara ouvi-lo com prazer, depois de perguntar-lhe se ignorava que era prohibido combater o monstro, lhe ordenou que fosse para uma prisão! O cavalleiro obedeceu. O grão-mestre convocou um capitulo, e expoz com tal força a necessidade da subordinação, e os perigos da desobediência, que foi Gozon privado do habito da ordem. Passados alguns dias intercederam por elle os cavalleiros, e o grão-mestre, folgando de ouvir semelhante supplica, de que fôra motor occulto, reintregou-o na sua commenda, conservou-lhe a antiguidade, e fez-lhe d'alli em diante immensos favores.

Gozon deu depois deste triumpho muitas prúvas de capacidade, e era um dos eleitores quando por morte de Helion de Villeneuve se reuniu um capitulo para nomear grão-mestre. Era crescido o numero dos pretendentes, e a escolha difficil. Quando pediram o voto de Gozon, respondeu que tinha vindo ao capitulo com a firme intenção de nomear o homem que mais capaz lhe parecesse de restabelecer a disciplina, de

repellir os infieis, e de augmentar o esplendor da ordem; que depois de ter maduramente examinado o merito de todos os candidatos nenhum achára que fosse mais digno deste penoso cargo do que elle proprio. Tanto orgulho deixou pasmados os eleitores, porém, depois de terem comparado com o seu merecimento o dos demais pretendentes, todos votaram n'elle. Portou-se como grande principe, e quando viu que a sua idade avançada e enfermidades o impossibilitavam de ser governador, pediu a demissão ao papa, que lha não quiz conceder ao principio, e só lha deferiu depois d'elle haver instado allegando com a relaxação que se tinha introduzido na ordem.

O MESTRE ASSASSINADO.

Chronica dos Templarios.

1320.

II

Mudo parecia o estrangeiro, porque em todo o seguinte dia não proferiu uma syllaba. Sem dar palavra, entregou dinheiro a Patricio para ir comprar algum mantimento, quando passaram juncto das costas da Escocia. Aproando em terra, elle ficou sentado na barca, em quanto o barqueiro ia buscar provisões. — Brevemente desfraldou Patricio outra vez a vela ao vento, e empunhou os remos, levando o rumo na direcção de Calais.

Descia a noite; e o desconhecido ainda não tinha soltado uma só palavra: silencioso envolveu a cabeça no seu manto, e deitou-se a dormir. Patricio cansado assentou-se ao leme, amaldiçoando lá comsigo o passageiro, que nenhum repouso lhe concedera.

Em fim o desconhecido dormia; e as larvas dos sonhos vieram desatar-lhe a lingua. Palavras distinctas lhe fugiam dos labios; e a sua alma parecia grandemente agitada.

“Concluir-se-ha, pois, o magestoso edificio! — Eu triturarei a argamassa, que deve reunir as columnas. Oh mestre, mestre! — não podias tu livrar deste encargo o pobre companheiro?” — Foi isto o que o attento barqueiro pôde perceber-lhe: d'ahi avante sons inarticulados, e gemidos dolorosos, que o desconhecido arrancava a custo do peito, foram o unico ruido que se escutou na barca. Patricio não entendeu mais nada.

“Ora, eis ahi, disse elle lá comsigo, como a gente se engana. Eu tinha para mim que o passageiro era pessoa notavel; e agora está claro, que não passa de algum pobre canteiro ou pedreiro, que os fidalgos francezes incumbiram, talvez, de reedificar a ermida de Mull. Nem admira que, por isso, elles façam tanto caso de um mestre de obras” Então o barqueiro deu com os olhos na espada, que o cavalleiro tinha á cinta. “Mas, quem não diria, proseguiu elle, que este homem é um cavalleiro? E que me importa a mim isso? Paga bem; e tanto me basta. Seja lá o que quizer!”

Fazendo esta reflexão, Patricio foi guiando a barca, sem se affligir com o silencio do seu camarada, silencio que durou todo o resto da viagem.

Era de noite quando atravessaram a parte mais estreita do canal, que divide a Inglaterra do territorio francez: pelo escuro avultava a horrída torre, chamada dos pagãos; o mar a banhava por tres lados, e aquelle vulto enorme negrejava por entre o debil fulgor das estrellas, como um phantasma nocturno. Chegaram perto della: então o mancebo se poz em pé, com os olhos fitos na sombra da terra, e disse:

“São estas as costas de França?”

“Sim, senhor!” — respondeu Patricio; e apontou-lhe com a mão para o logar do desembarque, que era juncto da torre.

O mancebo parecia afflicto; e em verdade o seu coração batia acelerado. Tinha-se turbado o ceu, e um grosso chuva derramava torrentes de agua sobre a barca; apesar disso elle tirou a sobreveste e a touca; o ar como que faltava aos seus pulmões comprimidos.

Patricio endireitou para a abra; e foi entestar com a praia. — Saltaram em terra. — Uma cabana de pescadores era a unica habitação que naquelles sitios havia: bateram; e os moradores da cabana abriram immediatamente.

Mas o desconhecido não cruzou o limiar da porta. “D'aqui a tres dias, ao mais tardar, terei voltado; espera-me neste logar, e guarda silencio ácerca do passado. “Foram estas as unicas palavras que dirigiu ao barqueiro.

“Qual é, perguntou depois aos pescadores, o caminho mais curto para a aldêa de *Nossa Senhora dos temporaes?*”

Os habitantes da cabana lh'o ensinaram, rogando-lhe porém, que esperasse alli até pela manhã: aspero e longo era o caminho.

Mas elle estava firme no seu proposito: embrulhado no manto, e encostando-se á espada, como a bordão de peregrino, seguiu avante, pelo humido e escabroso atalho, para o logar do seu destino.

Lá no meio da senda, como um signal de esperança, estava levantada uma cruz de pedra, que a edade tinha cuberto de musgo. — Juncto della ajoelhou o cavalleiro, e abraçando-a, as lagrymas lhe reben-taram dos olhos.

“Oh terra da minha patria! sólo onde tive meu berço! Exclamou, soluçando. Tornei a ver-te ainda! E como se fosse um assassino prohibem-me o viver no paiz da minha infancia? — Para respirar este ar, para abraçar esta cruz, preciso faze-lo pelas trevas da noite, preciso esconder no seu manto as acções do proscripto? — Oh, desgraçado de mim!”

E alevantando-se caminhou á pressa, para a meio-arruinada aldêa, onde ainda bruxulêavam algumas luzes, que reflectiam ao longe pelas veigas encharcadas. A chuva era cada vez mais pesada, e o caminho mais incerto. Cansado de corpo e de espirito o mancebo sentia-se desfallecer, quando chegou ao pé de uma ermida.

Parou debaixo de uma frondosa arvore, que sombreava o edificio, e procurou certificar-se de que não errara o caminho. “Eis-aqui a ermida de que o mestre me fallou: acóla alveja o grande cruzeiro: alli sóa o murmurio da fonte, e o ruido do ribeiro. Animo, pois! — Lá diviso o edificio, que é o termo da minha viagem.”

Não se enganava: apenas dera mais alguns passos, achou-se diante do edificio, a que se dirigia. Uma cancella baixa, feita de vimes enlaçados, tapava a entrada de um pequeno terreiro, cercado de um murinho de pedra solta. O moço peregrino saltou por cima da cancella, e por entre utencilios de lavoura subiu ao portal da casa por alguns degraus meio-arruinados. Pegando na aldraba deu apressadamente duas rijas pancadas, e depois de breve demora deu ainda outra; — e repetiu-a tres vezes.

Latiu dentro um cão: d'ahi a pouco, ouviu-se uma voz de homem, que perguntava ao desconhecido o que pertendia.

“Um pobre peregrino extraviado, e morto de fome, pede hospitalidade:” respondeu o cavalleiro.

Passado um momento, pelas janellas se viu passar

uma luz: soaram passos; correu-se o ferrolho, e a porta se abriu.

O desconhecido arrancara de um punhal: mas ao ver o semblante tranquillo do seu hospede, que lhe estendia a mão, desfalleceu-lhe o animo: o punhal caiu na bairna; e aos labios do cavalleiro fugiram estas palavras:

“E's tu Gilberto, rico e livre proprietario?” [*]
“Sim:” respondeu o hospede.

“Deus, pois, te salve; e em tua ajuda seja o bem-aventurado S. João, cuja cabeça veneramos!”

Esta saudação encheu Gilberto de espanto e terror; mas o modo por que o estranho lhe apertou a mão o perturbou ainda mais.

“Porque não correspondeste á minha saudação? — Porque não repetes o toque? — disse em voz baixa o cavalleiro. — Irmão Perrail, isto não parece bem!”

“Gilberto recuou. — “Tu o sabes?” — perguntou com voz tremula. Mas, uma desconfiança lhe passou pelo espirito: “Veamos, proseguiu com firmeza, vejamos se um malvado vem escarnecer de mim. Qual é a tua senha?”

Notuma: replicou o mancebo.

“Da-me a palavra! — continuou Gilberto atterrado.

“Dize-me a primeira letra; dir-te-hei a segunda:” respondeu com aspecto carregado o cavalleiro.

A palavra mysteriosa foi dicta letra por letra. Então Gilberto, erguendo as mãos, exclamou: “Homem, a que vens a minha casa, para me salteares, como um ladrão que sae de improvisado na estrada?” Que pertendes de mim?

“Pão, sal, fogo, e segurança.” tornou o desconhecido.

“E posso fiar-me de ti?”

“Não nos liga o mesmo juramento?”

“Ah, o meu juramento!” — disse Gilberto; — e a cabeça lhe pendeu para o peito.

“Socega-te: tambem eu sou um perjuro; por isso te venho buscar.”

Gilberto ficou por algum tempo callado: lá no fundo de sua alma passou uma idéa terrivel. Tinha os olhos fitos no cavalleiro, e meneara a cabeça. Emfim fechou a porta; levou o desconhecido para um quarto; mostrou-lhe um leito que nelle havia; poz sobre a mesa pão e vinho; e atigou o lume do fogão, que estava amortecido, para perto d'elle pendurar o manto alagado do viajante.

“Gilberto, onde estás? com quem é que fallas?”

— Era uma voz de mulher, que dizia estas palavras.

“Já vou:” respondeu Gilberto; e estendeu a mão para o cavalleiro. “E' tua mulher, — irmão Perrail?” Perguntou o desconhecido.

“É minha mulher: — replicou Gilberto, com firmeza: e depois de breve silencio, deu as boas noites, e saiu.

O cavalleiro ficou pensativo e encostado ao fogão: tinha os olhos fitos, e apertava a mão ao peito como se quizesse tranquillisar o tumulto das paixões encontradas que dentro d'elle ferviam. “Entornarei, pois, a morte, disse por fim, suspirando, nesta quieta morada! Riscarei do livro da vida o nome de um homem cujo rosto é tranquillo, apesar do perjuro. Tio, cruel tio! Porque preço me vendes o gráu de mestre!” — Passeou então por alguns instantes de um para outro lado, e proseguiu: “Envergonha-te Guido! — Hesitas no momento da prova? Oh, porque tremeu o teu braço ao entrares nesta casa? Porque não derrubaste logo alli o perjuro proscripto, fazendo trovejar nos seus ouvidos as terriveis palavras que

annunciam a vingança da ordem: — Esta é a ultima saudação dos mestres e companheiros, refalsado mestre do templo! — Tudo estaria acabado! — Destino incomprehensivel, tu retiveste o meu braço! Tu me constringes a pagar a hospitalidade com a ingratição e com a morte. — Se, ao menos, um genio bemfazejo despertasse na mente do infeliz a idéa da fuga! Se elle se aproveitasse das sombras da noite! — Teria eu assim cumprido o meu juramento, sem tingir as mãos em sangue. Oxalá, Deus, a Virgem, e o Baptista lhe inspirassem esta resolução!

Confiando aos céus o futuro e os seus caminhos, o moço cavalleiro adormeceu.

(Continuar-se-há.)

Quadros Historicos de Portugal por A. F. de Castilho. Lisboa 1838 fol. maximo com est., impresso na typographia da Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis.

Por mesquinhos e atrazados em artes e em letras apraz aos estrangeiros declarar-nos: de portuguezes, dissemos ja ha tempos, que era desmentir com obras o que nesta proposição ha falso e calumnioso, e que devemos confessar não é tudo. Muitas artes estão entre nós na infancia; de varias sciencias apenas em Portugal ha leve conhecimento, mas concluir dahi que nada sabemos é desmarcada e vilissima injustiça. A obra do Sr. Castilho lançamos nós como uma luva de desafio aos estrangeiros. Pelo lado litterario, que nos mostrem os alemães, os mestres de todas as nações, paginas dos seus escriptores, mais eloquentes e philosophicas, do que as do prologo e primeiro artigo dos Quadros Historicos de Portugal: que o faça a Inglaterra, quasi emula da Alemanha nas letras; que o faça essa França mercadora de litteratura, onde, no meio de suas ridicularias litterarias, dos seus livros de a tanto por duzia, apparecem obras primas de engenho, e de saber. Que venham: nós não receamos a comparação.

Pelo lado da arte duas cousas se hão de considerar nesta obra: as estampas, e a execução typographica.

Pelo que diz respeito ás estampas são estas obra prima de desenho e de lithographia, o que não deve admirar quando soubermos que são obras do Sr. Sendim e do Sr. Fonseca, dois dos nossos mais abalissados artistas. Quanto á execução typographica, parece-nos que esta póde competir com muitas edições de luxo feitas em outros paizes, devendo notar-se aqui, que os typos nella empregados são de fundição portugueza.

Concluiremos fazendo duas observações que nos parecem uteis; mas que o Sr. Fonseca tomará na conta que merecerem, certificando-o, desde já, que nos move a faze-las o desejo de que esta obra venha a ser de futuro um verdadeiro monumento de gloria nacional.

Em primeiro logar cremos que o quadro das cortes de Lamego deveria ter as tintas mais carregadas, tanto como as tem o retrato de D. Affonso Henriques, e que elle teria ganho com isto pelo que toca ao effeito geral.

Pelo que toca á invenção do desenho, julgámos que na architectura do edificio, e no vestuario das personagens talvez, em parte, se devesse ter seguido outra cousa.

As columnas e paredes nuas de S. Maria de Almocave revelam, concordando com a historia, que o edificio pertence á eschola arabe, ou antes mourisca: os dois portaes que se veem no topo, deviam, portanto, em nosso entender seguirem o systema architectonico do edificio, isto é, serem de volta de ferradura

(*) A maior parte das granjas e propriedades eram cultivadas por servos, naquella epocha.

[systema arabe] ou de volta redonda [systema mourisco]. Se porém supposermos que estes portaes tinham sido abertos depois da conquista de Lamego, deviam acabar em volta aguda, a suppor-se que logo em Portugal se introduziu a eschola néo-gothica, ainda em seu começo no seculo 12.^o Esta rasão milita tambem se quizermos dizer, que essas suppostas cõrtes foram celebradas na sé construida pelo conde D. Henrique.

Quanto ao vestuario julgâmos que seria mais proprio, que as cõtas dessem mostras de nellas haver armarias, principalmente na d'elrei. Ainda suppondo, contra o parecer dos mais profundos e eruditos archeologos, que essas divisas só começaram com a primeira cruzada, esta tinha precedido meio seculo as cõrtes de Lamego, e era moralmente impossivel que o uso das armarias fosse desconhecido em Portugal. —

A sinceridade, com que fazemos estas observações prõva que temos por artista summo o Sr. Fonseca; porque só os desta ordem, sabem soffrer com equanimidade as criticas e reparos alheios.

O Bispo Huet, célebre por sua muita erudição, não abria cartas á noite antes de se deitar, nem pela volta do meio dia antes de jantar; e dava esta razão: —É mais ordinario trazerem as cartas noticias ruins do que boas; e eu não quero procurar por minhas mãos cousas que me tirem o somno, ou a vontade de comer.

POVOAÇÃO E EXTENSÃO DO GLOBO SEGUNDO BALBI.

	População.	Extensão em milhas quadradas geographicas.
Europa . . .	227:700:000	2:793:000
Asia	390:000:000	12:118:000
Africa . . .	60:000:000	3:500:000
America . .	39:000:000	11:146:000
Oceania . .	20:300:000	3:100:000
Total	737:000:000	37:637:000

SEGUNDO O ALMANACK DE WEIMAR DE 1833.

Europa . . .	221:906:000	3:134:652
Asia	461:196:000	17:238:188
Africa . . .	107:615:000	10:787:063
America . .	42:164:000	14:755:006
Oceania . .	2:695:000	3:347:840
Total	835:578:000	49:263:448

ANNOS de J. C. SEMANARIO HISTORICO.

Agosto 12

1530 — Tomada de Florença pelo imperador Carlos 5.^o — Desde então a Toscana ficou sujeita á casa de Austria.

13

1556 — Os piratas francezes ligados com os selvagens tamoyos poem em grande aperto os habitantes da provincia do Rio de Janeiro. Sae contra elles Estacio de Sá e os derrota, ficando porém morto no fim da pelega: são expulsos os francezes, e os tamoyos sujeitam-se ao dominio portuguez.

14

1285 — Batalha de Aljubarrota.

1433 — Morte d'elrei D. João 1.^o

15

1517 — Fernão Peres d'Andrade chega á ilha de Tamão, e descobre o vastissimo imperio da China.

1648 — Restaura Salvador Correa de Sá a cidade de Loanda e o reino de Angola, que se achava debaixo do dominio hollandez.

1769 — Nasce em Ajaccio, na ilha de Corsega, Napoleão Bonaparte.

16

1546 — Attaque geral dado á fortaleza de Diu no seu memoravel 2.^o cerco — Foi espantoso o assalto; mas os inimigos tiveram que desistir com grandissima perda.

17

1657 — Morte do almirante inglez Blake: era o emulo de Van Tromp e de Ruyter; e pelas suas victorias foi quem estabeleceu a preponderancia maritima da Inglaterra.

1710 — Fallece o Padre Manuel Bernardes, nascido em 30 de Agosto de 1644. Foi um dos nossos mais laboriosos escriptores. As suas obras, pela maior parte asceticas, são modello de boa-linguagem e elegancia. O padre Vieira dizia que morrendo elle não fazia falta ao pulpito; porque ficava cá o padre Bernardes.

1720 — Morte de Mad.^{me} Dacier, prodigio de erudição no seu tempo. Traduziu varios classicos, entre os quaes Homero e Terencio.

18

1628 — Fallece D. Fr. Antonio de Gouvêa, embaixador á Persia, e laborioso missionario. Deixou impressa a Jornada do arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes, e duas relações das guerras e missões da Persia, além de outras obras.

1664 — Luiz Lopes de Sequeira derrota com um pequeno troço de portuguezes o rei do Congo, que vinha talando as nossas possessões com um numerosissimo exercito. Foi esta a mais desigual batalha que os nossos pelejaram naquellas partes.

A Direcção da Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis, em virtude da resolução tomada em Assembleia Geral de 30 de Julho ultimo, manda publicar a seguinte Carta dirigida ao Redactor deste Jornal. —

Illm.^o Sr. — A Assembleia Geral da Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis, em sessão de hontem, votou unanimemente que, em seu nome, a Direcção tributasse a V.^a S.^a o mais subido applauso pela excellente redacção do Panorama, e que este monumento da sua gratidão se fizesse publico em um dos proximos N.^{os} d'aquelle Jornal. E' com o maior prazer que a Direcção cumpre esta determinação da Assembleia; e roga a V.^a S.^a se sirva de a publicar com a brevidade possivel. Deus Guarde a V.^a S.^a — Lisboa 31 de Julho de 1838. = Illm.^o Sr. Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo. = Os Directores. = [Seguem-se as assignaturas.] =

Escritorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.